

ANÁLISE DAS PESQUISAS QUE ABORDAM AS QUESTÕES DO HIV/AIDS EM PRESÍDIOS

Samanta Costa Calcagno

Mestranda em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande-FURG
samantacalcagno@hotmail.com

Julio Cesar Bresolin Marinho

Mestre em Educação em Ciências e Professor da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA
juliomarinho@unipampa.edu.br

João Alberto da Silva

Doutor em Educação e Professor da Universidade Federal do Rio Grande-FURG
joaosilva@furg.com

EDI: 07 – Epidemia de HIV/Aids

Resumo: O objetivo deste trabalho foi mapear estudos publicados sobre a questão das DST, principalmente no que tange ao HIV/AIDS, de presidiários/as. A investigação foi realizada em artigos de revistas científicas disponíveis na *Scientific Eletronic Library Online – SciELO*. A pesquisa foi desenvolvida por meio de três buscas, na base SciELO, utilizando os descritores: “saúde/penitenciária”; “saúde/presídio”; “saúde/prisão”. Recuperamos 100 artigos, dos quais 8 abordavam questões concernentes a HIV/AIDS. Os estudos demonstraram que a promoção de saúde sexual dentro do espaço prisional deve adotar estratégias de saúde adequadas a esse ambiente em específico. O alto índice de não uso de preservativos, associados à falta de acesso aos mesmos e a desinformação, são dificuldades para promoção de saúde sexual no sistema penitenciário. Conclui-se que é importante investir em pesquisas e ações dentro dessa área, sendo essa uma questão de saúde pública, ao se tomar medidas preventivas poupa-se em medidas curativas futuras.

Palavras-chave: DST, AIDS, presídio, penitenciária, prisão.

Introdução

No Brasil, existe uma legislação que assegura o zelo integral pela saúde nos presídios (BRASIL, 1984; 2017), mas será que isso realmente acontece? Essa não configura-se como a questão a ser respondida nesse trabalho, pois aqui voltamos nossos olhares as DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e infecções pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) nesses espaços, visto que apresentam-se com sendo um local de alto risco para se adquirir tais doenças. Desse modo, nosso objetivo residiu em analisar os artigos, relacionados as DST, em especial a questão do HIV/AIDS nos presídios, disponibilizados na base científica *Scientific Eletronic Library Online – SciELO*.

Metodologia

Para mapear os estudos que investigam questões relacionadas as DST no contexto de penitenciárias, utilizamos a modalidade de pesquisa caracterizada como Estado da Arte. A base escolhida foi a SciELO que reúne periódicos *online* e permite acesso livre e gratuito ao texto completo dos artigos. A busca foi realizada durante o mês de setembro de 2017, a partir do link “pesquisa de artigos” da base. A busca foi realizada três vezes, uma para cada dupla de descritores: “saúde/penitenciária”; “saúde/presídio”; “saúde/prisão”.

Obtemos um total de 100 artigos. Na tentativa de ter um *corpus* de análise mais refinado, em um segundo momento, realizamos a leitura dos títulos e resumos dos artigos. Nesse momento, os que não faziam menção a aspectos relacionados com a saúde sexual no ambiente prisional foram descartados. Ao todo, desse processo foram excluídos 92 artigos do total. Assim, ao fim da triagem constituímos nosso *corpus* de análise em 8 artigos que foram lidos na íntegra.

Resultados e discussões

Ao analisar os 8 artigos selecionados para compor o *corpus* da investigação, podemos verificar que eles foram publicados no período compreendido entre os anos de 2001 e 2016. O periódico que apresentou maior número de publicações foi o Caderno de Saúde Pública (3 artigos), tal periódico é de saúde em âmbito mais gerais e com publicação de números mensais, o que possibilita uma maior publicação de trabalhos.

Na sequência, optamos por apresentar a análise dos trabalhos subdivididos em quatro tópicos para melhor elucidar os fatores referentes aos fatores que estão associados a infecção por HIV e DST. Os tópicos elencados foram os seguintes: Prevalência de infecção pelo HIV e outras doenças (4 artigos); Aspectos relacionados a representações sociais (2 artigos); Aspectos relacionados ao uso de preservativos (1 artigo); Aspectos relacionados ao comportamento dos/das detentos/as (1 artigo).

Prevalência de infecção pelo HIV e outras doenças

Esse primeiro tópico analisa 4 artigos que procuraram mapear a prevalência de infecção pelo vírus do HIV, do HPV (papilomavírus humano) e sífilis. Apresentamos os resultados no Quadro 1:

Quadro 1: Contextos da investigação e resultados dos artigos que investigaram a prevalência de infecção pelo vírus do HIV, do HPV e sífilis

Autores (Ano)	Lopes, Latorre, Pignatari e Buchalla (2001)	Coelho, Perdoná, Neves e Passos (2007)	Albuquerque e colaboradores (2014)	Felisberto, Saretto, Wopereis, Treitinger, Machado e Spada (2016)
Contexto da investigação	-A população foi composta por 262 mulheres; -Penitenciária Feminina de São Paulo, SP, Brasil.	-A população foi composta por 333 internos do sexo masculino; -Penitenciária de Ribeirão Preto, SP, Brasil.	-A população foi composta por 1097 detentos do sexo masculino; -Caruaru, PE, Brasil.	-A população foi composta por 147 internos do sexo masculino; -Penitenciária Estadual de Florianópolis, SC, Brasil.
Resultados	-Das que mulheres que admitiram história prévia de DST, identificaram como: candidíase, sífilis, verruga genital e gonorréia. -A infecção por HIV foi observada em 14,5% das mulheres testadas e a prevalência de sífilis ativa na população estudada foi de 5,7%. -Acredita-se que a alta prevalência de DST-HIV/AIDS justifica a necessidade do diagnóstico precoce, da avaliação médica individual e da elaboração de um programa de educação/prevenção; -A alta prevalência de infecção por HPV justifica a necessidade de uma atenção médica ginecológica mais eficaz na unidade prisional; -As baixas condições sócio-econômicas foram importantes marcadores de risco para as DST-HIV/AIDS.	-58% relataram ter um parceiro sexual estável; -81% relataram usar pelo menos um tipo de droga ilícita não injetável antes da prisão; -8,7% relataram uso prévio de droga injetável ilícita; - Sorologia para o HIV: positivo em 19 presos, sendo a distribuição maior nas faixas etárias acima de 30 anos, ressalta-se que presos com história de hepatite mostraram maior taxa de HIV; - Taxa de infecção pelo vírus foi inversamente proporcional à escolaridade, pois estava ausente em detentos com mais de 8 anos de escolaridade e maior entre aqueles com menos de 2 anos; - A infecção pelo HIV foi mais de 10,5 vezes maior entre os presos que admitiram injeções anteriores de drogas (34,5% versus 3,3%) e 17,2 vezes maior entre aqueles que admitiram compartilhar agulhas e seringas (63,6% versus 3,7%), mostrando forte associação na análise.	-A prevalência de infecção pelo HIV foi de 1,19% e de sífilis 3,92%; -13 indivíduos apresentaram sorologia positiva para o anti-HIV, e no que se refere à sorologia para sífilis o número de positivos foi de 43 indivíduos; -Ter tido relação sexual com outro homem aumenta a prevalência de infecção pelo HIV; assim como o uso de drogas injetáveis e ter se submetido a transfusão; -O risco para infecção pela sífilis está associado à idade e ao fato de ter tido relação sexual com outro homem.	-Prevalência da infecção pelo HIV foi de 2,1%; -82,2% foi submetida a procedimentos invasivos (piercings e tatuagens), dos quais 65,8% informaram que o procedimento não foi realizado por um profissional em localização adequada, três dos indivíduos que positivaram para HIV possuía piercings ou tinha tatuagens realizadas em locais inadequados; -A população estudada apresentou maior prevalência de infecção pelo HIV em comparação população geral. No entanto, não foi possível relacionar esta alta prevalência a uma variável comportamental específica.

Aspectos relacionados a representações sociais

O artigo de Trigueiro e colaboradores (2016) discutiu sobre os avanços que ocorreram perante a temática de programas preventivos em relação à transmissão do HIV. O estudo foi realizado no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa, PB, Brasil e a população consistiu em 268 mulheres, sendo o tamanho amostral de 174 mulheres. A pesquisa evidenciou a necessidade de se repensar a logística e a garantia de atenção à saúde em todos os níveis de complexidade, além de ações locais que envolvam uma educação em saúde problematizadora, voltada à realidade do contexto prisional, de modo que possibilite: a oportunidade de reflexão do fenômeno social com identificação de conhecimentos inapropriados acerca da doença; desmistificações de preconceitos; aniquilação de atitudes discriminatórias e estimulação à adoção de posturas de proteção à saúde não só física, mas também psicológica.

Já no artigo de Nicolau e Pinheiro (2012), verificou-se que dentre os principais fatores de risco que favorecem a disseminação das patologias sexuais entre detentas estão: promiscuidade e abuso sexual; atividades bi/homossexuais; superlotação de celas; uso de drogas; tatuagens e *body piercing*; baixo uso de preservativos; prostituição e história de DST. O estudo concluiu que o fato da mulher realizar acompanhamento ginecológico dentro da prisão favoreceu em 6,8% quanto ao conhecimento adequado sobre o preservativo masculino, e em 6,6% sobre o preservativo feminino quando comparadas aos números e porcentagens daquelas que nunca passaram pela consulta em ginecologia na prisão.

Aspectos relacionados ao uso de preservativos

O estudo de Nicolau e colaboradores (2012), procurou avaliar o conhecimento, a atitude e a prática de presidiárias quanto ao uso do preservativo masculino (PM) e feminino (PF) como medida preventiva às DST/HIV. A coleta dos dados foi feita no ano de 2010 na Penitenciária Feminina do Estado do Ceará, Brasil com 155 mulheres. Os dados mostraram que 63 mulheres (40,6%) foram orientadas quanto ao uso de preservativos dentro do presídio. As informações relacionadas ao recebimento dos preservativos apontaram que 98 (63,2%) não os adquirem na instituição. Das que recebem, 15 (26,3%) afirmaram receber exclusivamente em datas comemorativas, 14 (24,5%) quinzenalmente, no caso as que desfrutam da visita íntima, 9 (15,7%) raramente e 5 (8,7%) somente quando sobra de outras detentas ou pedem. Nenhuma mencionou receber PF na instituição.

Aspectos relacionados ao comportamento dos/das detentos/as

Este tópico é composto pelo artigo de Strazza, Massad, Azevedo e Carvalho (2007). O estudo foi realizado em 2000, por meio de coleta de sangue e da aplicação de um questionário com 290 detentas. As prevalências de infecção para o HIV e o vírus da hepatite C (HCV) observadas nesse grupo foram 13,9% e 16,2%, respectivamente. O não uso de camisinha no último ano, no relacionamento sexual com homens, foi referido por 95 das detentas (60%), sendo que as outras referiram uso irregular. Nenhuma referiu ter usado em sexo com mulheres. As detentas que identificavam o desejo e o prazer sexual melhorados com bebida alcoólica não se apresentavam mais infectadas tanto pelo HIV como pelo HCV. Foi observado que os componentes de comportamento sexual apresentaram-se associados com a infecção pelo HIV, assim como ter tido parceiro sexual usuários de drogas injetáveis (UDI), parceiro com AIDS e parceiros casuais. O uso de drogas, em especial o uso de drogas injetáveis, também apresentou associação com a infecção pelo HIV. Componentes de comportamento de risco para infecção que abordavam o uso de drogas apresentaram-se associados com a infecção pelo HCV como o uso de droga injetável, o uso de drogas, compartilhamento de seringas e agulhas. De forma indireta, ter parceiro sexual UDI também apresentou associação com a infecção pelo HCV. Prisão anterior também esteve associada com a infecção.

Considerações finais

A singularidade da vida na prisão acaba por demandar atenções peculiares a saúde, devido o confinamento ser provedor de diversos processos de adoecimento, visto que o sistema prisional pode funcionar como um espaço de alto risco para a aquisição e transmissão de infecções, contribuindo para a contaminação de HIV, hepatite e outras DST. A problemática desse estudo demonstra que há uma superficialidade do conhecimento referente à prevenção, e até mesmo ações preventivas perante as pessoas que se encontram sob reclusão. Isso provoca a reflexão sobre como as orientações estão chegando a essas pessoas. Assim, torna-se evidente a relevância de estratégias de análise mais qualitativas sobre essa parcela da sociedade, bem como ações de prevenção apropriadas e que sejam capaz de identificar as necessidades específicas para essa população.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. C. C. et al. Soroprevalência e fatores associados ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e sífilis em presidiários do Estado de Pernambuco, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 7, p. 2125-2132, jul. 2014.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210compilado.htm>. Acesso em: 05 abr. 2018.

BRASIL. **Levantamento nacional de informações penitenciárias:** INFOPEN. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2017.

COELHO, H. C.; PERDONA, G. C.; NEVES, F. R.; PASSOS, A. D. C. HIV prevalence and risk factors in a Brazilian penitentiary. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2197-2204, set. 2007.

FELISBERTO, M. et al. Prevalence of human immunodeficiency virus infection and associated risk factors among prison inmates in the City of Florianópolis. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba, v. 49, n. 5, p. 620-623, out. 2016.

LOPES, F.; LATORRE, M. R. D. O.; PIGNATARI, A. C. C.; BUCHALLA, C. M. Prevalência de HIV, papilomavírus humano e sífilis na Penitenciária Feminina da Capital, São Paulo, 1997-1998. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1473-1480, dez. 2001.

NICOLAU, A. I. O.; PINHEIRO, A. K. B. Condicionantes sociodemográficos e sexuais do conhecimento, atitude e prática de presidiárias quanto ao uso de preservativos. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 581-590, set. 2012.

NICOLAU, A. I. O. et al. Conhecimento, atitude e prática do uso de preservativos por presidiárias: prevenção das DST/HIV no cenário prisional. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 711-719, jun. 2012.

STRAZZA, L.; MASSAD, E.; AZEVEDO, R. S.; CARVALHO, H. B. Estudo de comportamento associado à infecção pelo HIV e HCV em detentas de um presídio de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 197-205, jan. 2007.

TRIGUEIRO, D. R. S. G. et al. Aids e cárcere: representações sociais de mulheres em situação de privação de liberdade. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 50, n. 4, p. 554-561, ago. 2016.